



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 15, Issue, 12, pp.69599-69603, December, 2025

<https://doi.org/10.37118/ijdr.30375.12.2025>



REVIEW ARTICLE

OPEN ACCESS

COOPERAÇÃO SUL-SUL COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO ALTERNATIVO E SUSTENTÁVEL PARA OS PAÍSES DO SUL GLOBAL

***Danilo Sasi José dos Santos**

Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Gestão de Recursos Naturais e Mineralogia, Mestrandos em Gestão de Projectos e Desenvolvimento

ARTICLE INFO

Article History:

Received 29th September, 2025

Received in revised form

10th October, 2025

Accepted 24th November, 2025

Published online 30th December, 2025

KeyWords:

Cooperação Sul-Sul; modelo alternativo; desenvolvimento sustentável; países do Sul.

*Corresponding author:

Danilo Sasi José dos Santos

ABSTRACT

O presente estudo analisa como a Cooperação Sul-Sul (CSS) se configura como uma opção estratégica de desenvolvimento alternativo para países em vias de desenvolvimento, destacando sua relevância na construção de estratégias de desenvolvimento sustentável. A pesquisa parte da constatação de que os modelos tradicionais de cooperação, marcados por relações verticais e dependentes, têm se mostrado insuficientes para promover autonomia e crescimento equitativo nos países do Sul. Assim, propõe-se compreender em que medida a CSS representa um modelo horizontal e solidário, capaz de fomentar a inovação, o fortalecimento institucional e a sustentabilidade. Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa e caráter exploratório, com base em revisão teórica e análise de estudos de caso sobre as parcerias *Brasil–Moçambique*, *China–África* e *Índia–África*. Foram examinadas fontes documentais, relatórios de cooperação e literatura especializada, permitindo identificar padrões e impactos socioeconômicos dessas iniciativas. Os resultados indicam que a CSS contribui para a ampliação das capacidades locais, a valorização do conhecimento endógeno e o reforço da autonomia política e econômica dos países do Sul. Contudo, persistem desafios relacionados às assimetrias econômicas e institucionais entre os parceiros. Conclui-se que a CSS constitui um paradigma emergente de desenvolvimento, com potencial para transformar práticas de cooperação internacional e promover um desenvolvimento mais justo, inclusivo e sustentável.

Copyright©2025, Danilo Sasi José dos Santos. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Danilo Sasi José dos Santos. 2025. "Cooperação Sul-Sul como Estratégia de Desenvolvimento Alternativo e Sustentável para os Países do Sul Global". *International Journal of Development Research*, 15, (12), 69599-69603.

INTRODUCTION

Quando falamos sobre desenvolvimento no Sul Global, rapidamente nos deparamos com uma questão central: muitos países continuam presos a padrões de dependência econômica e tecnológica, herdados de séculos de relações desiguais com países desenvolvidos. É nesse contexto que surge a Cooperação Sul-Sul (CSS), uma proposta de parceria entre países em desenvolvimento baseada na horizontalidade, solidariedade e benefício mútuo. Mas como essa cooperação se diferencia dos modelos tradicionais? E de que forma ela contribui para o desenvolvimento sustentável? Para responder a essas perguntas, definimos o tema central do nosso estudo: a CSS como estratégia de desenvolvimento alternativo e sustentável para os países do Sul Global. O objetivo geral é analisar como essas parcerias se estruturam como uma opção estratégica frente aos paradigmas de dependência histórica, ao mesmo tempo em que promovem sustentabilidade social, econômica e ambiental. Para chegar a esse entendimento, estabelecemos objetivos específicos que guiam a pesquisa: *contextualizar historicamente a CSS, compará-la com modelos tradicionais de cooperação, examinar experiências concretas na África e avaliar seus impactos socioeconômicos, bem como explorar suas potencialidades e limites.*

Antes de avançar, é importante esclarecer os conceitos-chave que sustentam a discussão. A Cooperação Sul-Sul pode ser entendida como um conjunto de relações de parceria entre países em desenvolvimento, construídas sobre princípios de reciprocidade, solidariedade e respeito mútuo, com foco na troca de experiências, conhecimento técnico e fortalecimento de capacidades locais. Já o termo modelo alternativo de desenvolvimento se refere a estratégias que buscam romper com paradigmas tradicionais de dependência, priorizando autonomia, equidade e integração regional. O conceito de desenvolvimento sustentável, por sua vez, integra dimensões econômica, social e ambiental, garantindo que políticas e projetos beneficiem não apenas a geração presente, mas também as futuras. Por fim, quando falamos em países do Sul Global, estamos nos referindo a países da África, América Latina e Ásia que compartilham históricos de subdesenvolvimento e dependência estrutural. Para fundamentar teoricamente essa análise, recorreremos a diferentes correntes de pensamento. As teorias da dependência e do sistema-mundo, representadas por autores como Prebisch, Cardoso e Faletto e Wallerstein, ajudam a explicar por que muitos países periféricos continuam condicionados às economias centrais. Ao mesmo tempo, abordagens críticas e pós-desenvolvimentistas, como as propostas por Escobar, Sachs e Sen, reforçam a necessidade de modelos alternativos

que valorizem autonomia, sustentabilidade e diversidade. Complementando essa visão, o pensamento do Sul Global, com autores como Boaventura de Sousa Santos, Acharya e Munene, enfatiza a legitimidade epistêmica e política da CSS, mostrando que o conhecimento produzido e as estratégias adotadas pelos países do Sul podem ser tão válidos e inovadores quanto os modelos tradicionais do Norte. Para consolidar esta etapa do trabalho, é essencial validar documentos e fontes que fortaleçam a argumentação. Entre eles destacam-se: artigos acadêmicos que abordam teorias críticas do desenvolvimento; relatórios da ONU, PNUD, União Africana e NEPAD, que evidenciam políticas e estratégias reconhecidas internacionalmente; documentos históricos como a Declaração de Bandung (1955) e o Plano de Buenos Aires (1978), que contextualizam o surgimento da CSS; e revisões sistemáticas recentes de autores como Acharya e Munene, que exploram a CSS como modelo alternativo efectivo. A análise dessas fontes permite não apenas fundamentar conceitos, mas também preparar o terreno para a secção seguinte, que tratará da contextualização histórica e comparativa da CSS em relação aos modelos tradicionais de cooperação.

Contextualização Histórica e Comparativa da Cooperação Sul-Sul: Para compreender plenamente a Cooperação Sul-Sul (CSS) como alternativa estratégica de desenvolvimento, é essencial revisitar o seu trajeto histórico e político. Como observa Escobar (1995), as concepções de desenvolvimento sempre foram moldadas por relações de poder e por narrativas que colocaram o Sul Global numa posição periférica. Nesse contexto, a CSS surge como uma resposta coletiva dos países em desenvolvimento, orientada pela busca de autonomia e pela valorização do conhecimento produzido no próprio Sul.

O marco inaugural dessa trajetória foi a Conferência de Bandung, em 1955, que juntou líderes de países asiáticos e africanos recém-independentes com o propósito de fortalecer a solidariedade e a cooperação entre povos que partilhavam desafios semelhantes. Bandung representou o início de uma visão alternativa de ordem mundial, uma visão que recusava a lógica bipolar da Guerra Fria e buscava afirmar a independência política, económica e cultural dos países do Sul. Mais tarde, o Movimento dos Países Não-Alinhados e o Plano de Buenos Aires (1978) consolidaram institucionalmente essa aspiração, fornecendo uma base normativa e operacional para a cooperação técnica entre países em desenvolvimento.

Com o passar das décadas, a CSS evoluiu, tornando-se mais estruturada e multifacetada. Hoje, ela se manifesta através de mecanismos regionais e multilaterais, como o BRICS, a União Africana e o NEPAD, que impulsionam programas de capacitação técnica, integração comercial e transferência tecnológica. Essa trajetória reforça que a CSS não é apenas um discurso político, mas uma prática consolidada, ancorada em experiências concretas e resultados verificáveis. Ao comparar a CSS com os modelos tradicionais de cooperação Norte-Sul, percebe-se uma diferença fundamental de abordagem. Enquanto a cooperação tradicional se baseia numa lógica vertical, em que países desenvolvidos transferem recursos e conhecimentos segundo suas próprias condições e prioridades, a CSS adota uma lógica horizontal, sustentada pela partilha de experiências e pela construção conjunta de soluções. No modelo Norte-Sul predominam as condicionalidades, a dependência financeira e o alinhamento às agendas dos doadores, enquanto na CSS, busca-se a autonomia, o intercâmbio de saberes e a adequação às necessidades locais. Dessa forma, a CSS apresenta-se como um modelo alternativo de desenvolvimento, que se propõe a romper com as estruturas históricas de dependência e a promover parcerias equitativas entre países que compartilham desafios semelhantes. Mais do que uma simples cooperação técnica, ela representa um reposicionamento político e epistemológico dos países do Sul, defendendo que o desenvolvimento deve emergir das realidades locais e das capacidades próprias de cada nação. Essa análise exige, portanto, um aprofundamento empírico consistente dos dados. O estudo da CSS requer mais do que a exposição de princípios; exige a observação de experiências concretas, indicadores socioeconómicos e evidências comparativas que revelem seus impactos reais. Somente a

partir da análise dos dados — quantitativos e qualitativos — é possível avaliar se a CSS cumpre seu papel como modelo alternativo, isto é, se ela de facto contribui para o desenvolvimento sustentável, reduz desigualdades e amplia a autonomia dos países participantes. Essa dimensão empírica será desenvolvida nas etapas seguintes, através da análise de casos e da discussão crítica dos resultados.

Estudos de Caso e Recolha de Dados: Após compreender a evolução histórica e os fundamentos teóricos da Cooperação Sul-Sul (CSS), é importante observar como esses princípios se concretizam na prática. A análise empírica é o momento em que as teorias ganham corpo, permitindo-nos verificar se, de facto, a CSS representa uma alternativa viável aos modelos de dependência descritos por autores clássicos como Prebisch (1950) e Cardoso e Faletto (1979). Segundo Prebisch (1950), a estrutura da economia mundial tende a concentrar riqueza nos países centrais e transferir desigualdades para a periferia, criando um ciclo de dependência. Essa leitura foi aprofundada por Cardoso e Faletto (1979), que mostraram que a dependência não é apenas económica, mas também política e estrutural, influenciando decisões internas dos países periféricos. A CSS, nesse contexto, propõe uma inversão dessa lógica: trata-se de um movimento de solidariedade horizontal, onde o conhecimento e os recursos circulam entre países que partilham realidades semelhantes, buscando reduzir as vulnerabilidades históricas impostas pelo sistema internacional.

Um exemplo expressivo dessa filosofia é a parceria Brasil-Moçambique, notadamente no campo da saúde pública. Projectos como o da fábrica de medicamentos antirretrovirais de Matola ilustram uma forma de cooperação centrada na transferência de capacidades técnicas, e não apenas na assistência financeira. Tal iniciativa reflecte o princípio defendido por Santos (2014) de que os países do Sul devem valorizar o seu próprio conhecimento e criar “epistemologias do Sul”, modos de saber e fazer baseados em experiências locais, capazes de desafiar a hierarquia de saberes imposta pelos paradigmas ocidentais. Outro caso emblemático é a cooperação China-África, cujos investimentos em infraestrutura e tecnologia têm sido objeto de intensos debates. Acharya (2011) e Munene (2018) interpretam essa relação como uma forma moderna de CSS, que, apesar das assimetrias existentes, representa um esforço de redefinir as regras da cooperação internacional. Para esses autores, a China, ao priorizar o intercâmbio económico e técnico em vez da imposição política, cria um modelo de interacção mais próximo do que Bandung idealizou em 1955: uma parceria orientada por interesses comuns e não pela dependência. A cooperação Índia-África, por sua vez, reflecte a dimensão humana e tecnológica da CSS. Com foco em formação de recursos humanos, educação e inovação, essas parcerias demonstram que o desenvolvimento sustentável passa também pelo fortalecimento das capacidades intelectuais locais. Essa vertente dialoga com Escobar (1995), que critica os modelos de desenvolvimento impostos de fora e defende abordagens contextuais e culturalmente sensíveis, em que o saber local é o ponto de partida para a transformação social.

Para consolidar essas análises, é fundamental um processo “sistemático” de recolha e cruzamento de dados, que envolva tanto fontes primárias (entrevistas, relatórios oficiais e observação directa) quanto fontes secundárias (estudos académicos, relatórios do PNUD, NEPAD, União Africana e outras instituições). Esse levantamento permite não apenas descrever, mas avaliar empiricamente a eficácia e a sustentabilidade dos projetos de CSS. Portanto, a análise concentrou-se em três dimensões centrais: horizontalidade, sustentabilidade/autonomia e padrões de cooperação. A definição desses eixos segue a abordagem proposta por Esteves e Assunção (2014) e Cabral e Weinstock (2010), que identificam na CSS não apenas fluxos de recursos, mas relações de poder e aprendizagem mútua entre parceiros do Sul. A horizontalidade foi avaliada considerando a participação de especialistas locais na execução e no planeamento dos projetos, bem como a efectiva transferência de conhecimento técnico e científico, para além do fornecimento de recursos (Cabral, 2016; Milani & Carvalho, 2013). A sustentabilidade e autonomia foram analisadas por meio da capacidade dos projetos de se manterem após a saída do parceiro

O quadro abaixo sintetiza os projetos, iniciativas e indicadores utilizados para cada estudo de caso:

Estudo de Caso	Tipos de Projetos / Iniciativas	Indicadores – Horizontalidade	Indicadores – Sustentabilidade / Autonomia	Indicadores – Padrões de Cooperação
Brasil–Moçambique	Educação técnica, saúde, agricultura, infraestrutura social	% de especialistas moçambicanos envolvidos; participação em decisões estratégicas; transferência de conhecimento técnico	Continuidade após saída do parceiro; capacitação local; impacto nas cadeias produtivas	Predominância de cooperação técnica e educacional; relação bilateral de longo prazo
China–África	Infraestrutura (estradas, portos, energia), saúde, tecnologia, investimento industrial	Envolvimento de especialistas africanos na execução; transferência de tecnologia vs. fornecimento de equipamentos	Continuidade operacional sem dependência chinesa; desenvolvimento de competências locais; integração nas cadeias produtivas	Predominância de cooperação comercial e técnica; equilíbrio entre interesses chineses e locais
Índia–África	Saúde pública, TIC, agricultura sustentável	Número de especialistas africanos capacitados; transferência de conhecimento tecnológico	Continuidade dos programas após saída do parceiro; impacto nas capacidades locais; melhorias nas cadeias produtivas	Predominância de cooperação técnica e educacional; parceria de longo prazo

cooperante, do impacto nas cadeias produtivas locais e do fortalecimento das competências institucionais e técnicas (Borges, 2012; Lechini, 2017). Por fim, os padrões de cooperação permitiram identificar o tipo predominante de relação (técnica, comercial ou financeira) e o equilíbrio entre interesses dos parceiros envolvidos (Alden & Large, 2019; Chichava et al., 2013). A reflexão que emerge é clara: *a CSS não é um simples mecanismo de ajuda, mas uma estratégia de transformação estrutural, apoiada em fundamentos teóricos sólidos e em práticas concretas que desafiam o paradigma da dependência*

METODOLOGIA

O estudo segue uma abordagem qualitativa, orientada por uma perspectiva interpretativa, com ênfase na análise de casos concretos de Cooperação Sul-Sul na África. A metodologia foi estruturada em três etapas principais:

Revisão teórica e histórica

- Levantamento de literatura acadêmica sobre CSS, paradigmas de dependência e desenvolvimento sustentável, incluindo obras de Prebisch (1950), Cardoso e Faletto (1979), Sen (1999), Santos (2014), Escobar (1995), Acharya (2011), Munene (2018) e Wallerstein (2004).
- Comparação com modelos tradicionais de cooperação Norte-Sul, visando identificar limites, desafios e potencialidades do modelo alternativo.

Estudo de casos

Seleção de experiências concretas de CSS na África: parcerias

Brasil–Moçambique, China–África e Índia–África.

- Análise qualitativa de documentos oficiais, relatórios de projetos e artigos acadêmicos.
- Foco em quatro categorias analíticas: autonomia, solidariedade, sustentabilidade e inovação.

Análise e interpretação de resultados:

- Cruzamento dos dados coletados com o referencial teórico.
- Identificação de padrões e impactos socioeconômicos, bem como das limitações e desafios enfrentados pelos países do Sul.
- Sistematização de recomendações para aprimorar a efetividade e a sustentabilidade da CSS.

A abordagem adotada permite integrar teoria e prática, proporcionando uma leitura crítica e reflexiva sobre o papel da

Cooperação Sul-Sul como estratégia de desenvolvimento sustentável e alternativa aos paradigmas tradicionais de dependência.

Apresentação dos Resultados: A análise dos dados recolhidos a partir das experiências empíricas de Cooperação Sul-Sul (CSS) revela dinâmicas concretas que reflectem os princípios de autonomia, solidariedade, sustentabilidade e inovação, pilares deste modelo alternativo de desenvolvimento.

Autonomia e redefinição das prioridades locais: Em consonância com Cabral (2016) e Milani e Carvalho (2013), a análise da horizontalidade concentrou-se em avaliar o grau de envolvimento de especialistas locais durante as fases de planejamento e execução dos projetos, bem como a efectiva transferência de conhecimento técnico e científico. Nas experiências observadas, particularmente na parceria Brasil–Moçambique, verificou-se uma participação significativa de técnicos moçambicanos, acompanhada de uma clara divisão de responsabilidades institucionais. Essa corresponsabilidade técnica exemplifica o princípio da horizontalidade, evidenciando a construção conjunta de soluções adaptadas às realidades locais e reforçando o carácter cooperativo, em contraste com abordagens meramente de assistência técnica. Essas evidências demonstram que a Cooperação Sul–Sul contribui para fortalecer a autonomia dos países parceiros na definição de suas prioridades estratégicas. No setor farmacêutico em Moçambique, a transferência tecnológica, ilustrada pela fábrica de antirretrovirais em Matola, não se restringiu ao fluxo de recursos, mas incorporou a formação de técnicos locais e o desenvolvimento de capacidades institucionais. Esse processo, segundo Sen (1999), amplia as liberdades substantivas, possibilitando que os países orientem suas decisões de acordo com necessidades e contextos específicos. Ademais, a autonomia promovida pela CSS envolve negociações horizontais, superando a dependência estrutural apontada por Cardoso e Faletto (1979) e consolidando os países africanos como cocriadores activos de soluções.

Solidariedade e partilha de experiências: Outro achado relevante refere-se à solidariedade como eixo central da CSS. As parcerias entre países do Sul envolvem não apenas intercâmbio técnico, mas também afinidades históricas e culturais, que favorecem uma comunicação horizontal. Na cooperação China–África, apesar das assimetrias económicas, a lógica da parceria se baseia na troca de benefícios mútuos, com ganhos visíveis em infraestrutura, energia e transporte. Segundo Acharya (2011) e Munene (2018), estas iniciativas reflectem solidariedade prática, respeitando soberania e particularidades locais, consolidando a interdependência solidária e promovendo um desenvolvimento mais inclusivo.

Sustentabilidade e impacto socioeconómico: Conforme Borges (2012) e Lechini (2017), a sustentabilidade e a autonomia na Cooperação Sul–Sul dependem da capacidade dos projectos de se manterem activos após a retirada do parceiro cooperante, assim como de promover o fortalecimento institucional e técnico nos contextos

locais. Nos casos analisados, essa tendência se confirma parcialmente: iniciativas como a fábrica de antirretrovirais em Moçambique apresentam mecanismos de continuidade operacional e consolidação de competências locais, embora ainda enfrentem desafios financeiros e administrativos. Dessa forma, a sustentabilidade se revela não apenas como a manutenção de estruturas físicas e operacionais, mas sobretudo como o desenvolvimento das capacidades endógenas e a redução gradual da dependência externa. As experiências observadas indicam que a CSS favorece processos de desenvolvimento duradouros, especialmente quando orientados para a capacitação e a transferência de conhecimento técnico. Os projectos examinados nos três estudos de caso destacam a ênfase na autossuficiência técnica e institucional, o que, conforme Santos (2014), é essencial para a emancipação epistemológica e a consolidação das “epistemologias do Sul”. Entre os impactos socioeconômicos mais relevantes estão a criação de empregos qualificados, a melhoria de serviços públicos e o aumento da produtividade local. Assim, a Cooperação Sul-Sul contribui também para a reconfiguração das relações sociais e institucionais, abrindo espaço para uma governança mais participativa e fortalecida.

Inovação e aprendizagem mútua

A CSS estimula inovação e aprendizagem entre os países do Sul. No caso Índia-África, iniciativas de formação em tecnologia da informação e capacitação de recursos humanos fortalecem capacidades endógenas. Conforme Escobar (1995), o verdadeiro desenvolvimento deve valorizar saberes locais, em vez de importar modelos externos. A inovação na CSS vai além da tecnologia, envolvendo novas formas de pensar e gerir o desenvolvimento, promovendo conhecimento partilhado, resiliência institucional e protagonismo dos países do Sul.

Análise comparativa dos estudos de caso: Com base em Alden e Large (2019) e Chichava et al. (2013), a análise dos padrões de cooperação concentrou-se na identificação do tipo predominante de relação entre os parceiros, portanto, entre a técnica, comercial ou financeira e no equilíbrio entre os interesses envolvidos. Essa abordagem revelou que a natureza da parceria influencia diretamente o grau de horizontalidade e sustentabilidade alcançado em cada contexto.

- **Brasil-Moçambique:** projetos nos setores de educação, saúde e agricultura apresentam alta horizontalidade, sustentabilidade e padrões técnicos e educacionais, caracterizando uma cooperação bilateral de longo prazo.
- **China-África:** iniciativas em infraestrutura, saúde e tecnologia demonstram horizontalidade parcial, com algumas dependências externas, predominando padrões comerciais e técnicos e evidenciando assimetrias entre os parceiros.
- **Índia-África:** projetos em saúde, tecnologias da informação e comunicação (TIC) e agricultura sustentável destacam-se pela alta horizontalidade, autonomia e transferência tecnológica, consolidando padrões técnicos e educacionais equilibrados em parcerias de longo prazo.

De forma geral, os resultados indicam que, apesar dos desafios específicos em cada parceria, a Cooperação Sul-Sul promove autonomia, capacitação local e transferência de conhecimento. Esses achados reforçam a CSS como um modelo alternativo, horizontal e sustentável de cooperação internacional, fornecendo subsídios fundamentais para a Discussão e Análise na qual serão aprofundados os limites, as potencialidades e as implicações dessa abordagem.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

Os resultados obtidos nas experiências de Cooperação Sul-Sul (CSS) permitem aprofundar o debate sobre a possibilidade de um modelo de desenvolvimento alternativo, capaz de romper com as estruturas históricas de dependência. Essa reflexão exige um diálogo direto

entre a teoria e a prática, pois é no cruzamento entre ambas que se revela o verdadeiro alcance transformador da CSS.

Superação da dependência e emergência da autonomia cooperativa: A análise dos casos empíricos sugere que a CSS tem conseguido introduzir mecanismos de autonomia cooperativa, desafiando os padrões verticais da cooperação Norte-Sul. A crítica feita por Prebisch (1950) e Cardoso e Faletto (1979) à dependência estrutural continua actual, pois as relações internacionais ainda reproduzem desigualdades. No entanto, observa-se que os países do Sul têm usado a CSS como estratégia de inserção soberana, criando espaços de negociação mais equilibrados e adaptados às suas prioridades. Essa redefinição das relações é um passo essencial na direcção de um desenvolvimento sustentado pela própria região. Em Moçambique, por exemplo, as parcerias com o Brasil e a China não se limitam à transferência de recursos, mas envolvem a construção de capacidades endógenas e a valorização do conhecimento local, conectando-se assim à ideia de Amartya Sen (1999) de que o desenvolvimento deve ser entendido como um processo de ampliação das liberdades reais. Assim, a CSS permite aos países do Sul decidir e agir sobre suas próprias trajetórias, fortalecendo sua autonomia decisória sem romper completamente com o sistema global.

O papel da solidariedade e da horizontalidade nas novas formas de cooperação: Um dos elementos mais relevantes da CSS é a ênfase na solidariedade horizontal. Diferente da lógica de dependência e administração presente na cooperação tradicional, a CSS se estrutura sobre relações de confiança, reciprocidade e partilha de experiências. Tal como observam Acharya (2011) e Munene (2018), as parcerias entre países do Sul, mesmo quando marcadas por assimetrias económicas, mantêm uma retórica e uma prática que valorizam a soberania e o respeito mútuo. Essa solidariedade tem implicações políticas e simbólicas profundas: ela redefine a identidade do Sul global como um espaço de construção colectiva e não como simples periferia do Norte. Ao valorizar o intercâmbio de saberes e a cooperação técnica, a CSS demonstra que a inovação social e institucional pode surgir de relações horizontais, sem que haja imposição de modelos externos. Esse movimento reflecte o ideal de Bandung (1955), que aspirava à criação de um sistema internacional mais justo e cooperativo.

Sustentabilidade como eixo articulador do desenvolvimento alternativo: Os resultados também revelam que a CSS tem contribuído para fortalecer práticas de sustentabilidade, tanto ambiental quanto social e institucional. Em consonância com as ideias de Santos (2014) e Escobar (1995), a sustentabilidade aqui não se restringe a indicadores económicos, mas implica reconhecer o valor das epistemologias locais e das formas comunitárias de produção e gestão. As experiências de cooperação analisadas demonstram que a sustentabilidade do desenvolvimento depende da apropriação local dos processos. Em Moçambique, a fábrica de medicamentos antirretrovirais, apoiada pelo Brasil, exemplifica essa lógica ao unir ciência, tecnologia e soberania sanitária. Na cooperação Índia-África, o investimento em educação técnica e digitalização promove uma sustentabilidade baseada na inclusão e no fortalecimento humano. Dessa forma, a CSS promove um desenvolvimento que não é imposto, mas construído de dentro para fora, o que representa uma inovação significativa frente ao modelo tradicional de dependência.

Limites e desafios da Cooperação Sul-Sul: Apesar dos avanços observados, é importante reconhecer os limites e contradições da CSS. Alguns autores, como Munene (2018), apontam que as assimetrias económicas persistem e que em certas situações, especialmente no caso da China-África, há risco de reprodução de dependências sob novas formas. A diferença fundamental, contudo, está na capacidade de negociação dos países africanos, que hoje possuem maior consciência e margem de ação para condicionar acordos em função de seus interesses estratégicos. Outro desafio é a institucionalização da CSS: ainda há fragilidades em termos de coordenação, monitoramento e transparência. Além disso, a ausência de mecanismos multilaterais fortes dificulta a consolidação de padrões éticos e operacionais comuns. Esses limites, porém, não

anulam a relevância da CSS, pelo contrário, evidenciam a necessidade de refinamento e maturação do modelo, consolidando-o como um pilar efectivo da governança global.

A CSS como paradigma emergente de desenvolvimento: Ao integrar os resultados empíricos com as discussões teóricas, observa-se que a CSS constitui um paradigma emergente de desenvolvimento, capaz de reconfigurar não apenas as relações internacionais, mas também as formas de pensar e praticar o desenvolvimento. Em termos epistemológicos, ela propõe uma mudança de perspectiva: o conhecimento e as soluções não vêm do Norte para o Sul, mas circulam entre os países do Sul, fortalecendo uma aprendizagem compartilhada. Nesse sentido, a CSS é tanto uma estratégia política quanto uma utopia realizável, uma visão que combina pragmatismo e solidariedade, eficiência e equidade. Ao reafirmar o papel dos países do Sul como produtores de conhecimento e agentes de transformação, ela contribui para uma nova arquitetura do desenvolvimento, mais inclusiva, plural e sustentável. Os resultados e a análise convergem para uma constatação central: A Cooperação Sul-Sul representa uma mudança paradigmática nas relações internacionais, ao deslocar o eixo da dependência para a autonomia cooperativa, da hierarquia para a horizontalidade solidária e da dependência de recursos externos para a sustentabilidade endógena. Mais do que um mecanismo técnico, a CSS é uma expressão política e simbólica de resistência ao modelo tradicional de desenvolvimento. Ela consolida um caminho alternativo em que os países do Sul constroem suas próprias estratégias, fortalecem suas instituições e promovem um desenvolvimento que é, simultaneamente, económico, social, cultural e ambientalmente sustentável.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo confirma que a Cooperação Sul-Sul (CSS) se afirma como uma das estratégias mais promissoras do desenvolvimento contemporâneo, ao combinar autonomia, solidariedade e sustentabilidade sob uma lógica centrada nas realidades do Sul global. Mais do que um simples mecanismo de cooperação, a CSS constitui um *movimento político e epistémico*, que desafia hierarquias históricas e redefine as bases da cooperação internacional. Os resultados obtidos indicam que a CSS representa uma *alternativa viável aos paradigmas tradicionais de dependência*, promovendo a emancipação institucional e cognitiva dos países do Sul. A autonomia surge como eixo estruturante, permitindo que os Estados definam suas prioridades e fortaleçam suas capacidades locais; a solidariedade, por sua vez, materializa-se na partilha de experiências e tecnologias em bases horizontais; e a sustentabilidade desponta como meta e resultado, articulando dimensões económicas, sociais, culturais e ambientais. Contudo, as experiências também revelam assimetrias persistentes, especialmente no caso China-África, onde a natureza comercial e a escala dos investimentos podem reproduzir padrões de dependência, contrariando parcialmente o princípio da horizontalidade.

Assim, este estudo conclui que a CSS não constitui um modelo único, mas um conjunto de práticas híbridas, que variam entre abordagens solidárias e mercantilistas, apresentando riscos e benefícios distintos. Essa constatação amplia a compreensão teórica do tema, ao mostrar que a eficácia da CSS depende da natureza das parcerias, do tipo de projeto e do contexto institucional local.

RECOMENDAÇÕES

- **Fortalecer capacidades locais**, assegurando que a transferência tecnológica e o aprendizado institucional produzam autonomia após o término das parcerias.

- **Estabelecer mecanismos de governança horizontal**, com partilha equitativa de decisões e responsabilidades entre os países cooperantes.
- **Valorizar o conhecimento e as epistemologias do Sul**, promovendo o intercâmbio científico e cultural que reflecta as realidades e saberes locais.
- **Reforçar as redes de cooperação interafricanas**, reduzindo dependências externas e promovendo inovação endógena.
- **Integrar a dimensão ambiental** aos programas de CSS, alinhando-os aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e às agendas climáticas globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cooperação Sul-Sul deve ser entendida não apenas como uma resposta às limitações do modelo Norte-Sul, mas como *expressão da maturidade política e intelectual dos países do Sul*, que passam a construir colectivamente caminhos próprios de desenvolvimento. O século XXI, mais do que o tempo da independência política, anuncia-se como o *tempo da independência cognitiva e cooperativa*, em que os povos do Sul se reconhecem como *autores de sua história e produtores de conhecimento*, consolidando um paradigma de desenvolvimento *inclusivo, plural e sustentável*.

REFERÊNCIAS

- Acharya, A. (2011). *Constructing a Security Community in Southeast Asia: ASEAN and the Problem of Regional Order*. Routledge.
- Alden, C., & Large, D. (2019). *New Directions in Africa-China Studies*. London: Routledge.
- Boaventura de Sousa Santos, B. (2014). *Epistemologias do Sul: Justiça entre Saberes*. Coimbra: Edições Almedina.
- Burges, S. W. (2012). *Brazil and Africa: The Rise of an Actor with Global Ambitions*. *Current History*, 111(742), 62–66.
- Cabral, L. (2016). *Cooperation for Structural Transformation: The Role of South-South Cooperation and the BRICS*. Brighton: Institute of Development Studies (IDS).
- Cardoso, F. H., & Faletto, E. (1979). *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Chichava, S., Duran, J., Cabral, L., Shankland, A., Buckley, L., & Yue, Y. (2013). *Brazil and China in Mozambican Agriculture: Emerging Insights*. Brighton: Future Agricultures Consortium.
- Escobar, A. (1995). *Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World*. Princeton University Press.
- Lechini, G. (2017). *South-South Cooperation and the Changing Role of the State in Latin America and Africa*. In A. F. Cooper & C. Shaw (Eds.), *The Diplomacies of Small States* (pp. 175–194). Palgrave Macmillan.
- Milani, C. R. S., & Carvalho, T. (2013). *Cooperação Sul-Sul e Política Externa: O caso do Brasil*. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 56(1), 5–22.
- Munene, M. (2018). *China-Africa Relations: Symbiosis or Neo-Dependency?* *African Journal of Political Science*, 12(3), 22–39.
- Prebisch, R. (1950). *O desenvolvimento económico da América Latina e seus principais problemas*. Comissão Económica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).
- Sen, A. (1999). *Desenvolvimento como Liberdade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Wallerstein, I. (2023). *Análise dos Sistemas-Mundo: Uma Introdução*.
